

# A UNIDADE E A DIVERSIDADE NAS CIÊNCIAS SOCIAIS: O DESAFIO EPISTEMOLÓGICO DO MÉTODO

Fernando Tavares Júnior\*

## RESUMO

O trabalho discute a unidade das Ciências Sociais em torno de elementos que poderiam reconfigurar as definições em torno de sua metodologia, de forma a construir um corpo identitário capaz de agrupar, de forma flexível e rigorosa, a pluralidade de métodos que se operam na produção científica das Ciências Sociais contemporaneamente. A partir das provocações de Ragin (1994), analisam-se as possibilidades epistemológicas e técnicas de basilar a análise, proposição e avaliação dos trabalhos no campo com rigor científico, sem perder a flexibilidade e a inovação que o campo sempre demandou.

**Palavras-chave:** Teoria Social, Metodologia, Epistemologia

## THE UNIT AND DIVERSITY IN SOCIAL SCIENCES: AN EPISTEMOLOGICAL METHOD'S CHALLENGE

### ABSTRACT

This paperwork discuss the unit of the Social Sciences among the elements that may rearrange the definitions about its methodology, to build an identity to put together, in a flexible and strict way, the plurality of the methods that rules the scientific production of the Social Sciences nowadays. From Ragin's theory (1994), this paper analyzes the epistemological possibilities and techniques to base the scientific development in Social Science, purposes also and evaluation of the works with scientific accuracy, but without losing the flexibility and the innovation that the field always has asked to.

**Key-words:** Social Theory; Social Methodology, Epistemology.

## LA UNIDAD Y LA DIVERSIDAD EN LAS CIENCIAS SOCIALES: EL DESAFÍO EPISTEMOLÓGICO DEL MÉTODO

### RESUMEN

El trabajo discute la unidad de las Ciencias Sociales en torno de elementos que podrían reconfigurar las definiciones en torno de su metodología, para construir un cuerpo identitario capaz de agrupar, de forma flexible y rigurosa, la pluralidad de métodos que se operan en la producción científica de las Ciencias Sociales contemporáneamente. A partir de las provocaciones de Ragin (1994), se analizan las posibilidades epistemológicas y técnicas de basilar el análisis, proposición y evaluación de los trabajos en el campo con rigor científico, sin perder la flexibilidad y la innovación que el campo siempre demandó.

**Key-words:** Teoría Social; Metodología Social; Epistemología.

---

\* Professor adjunto do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora. Contato: ftavares@caed.ufjf.br

## INTRODUÇÃO

O fascínio pela complexidade do que nos envolve e produz é um desafio permanente para a razão humana. A consciência dedica-se a desvendar mistérios, buscar ordem no caos, explicar o mundo, interpretar a sociedade e sua própria humanidade: produtora e produto. Tão mais brilhante se mostra a racionalidade quanto mais desafiador se apresenta o dilema da complexidade. Para o pensamento ocidental, compreender o que é ao mesmo tempo separado e unido sempre instigou os espíritos pensantes, da antiguidade à pós-modernidade. Compreender a unidade na diversidade constitui um desafio perene na ciência moderna: ao catalogar espécies, descrever fenômenos, fixar nomenclaturas, definir regras gerais e suas condições de aplicação. A Ciência captura a realidade e a enquadra, “rotulando suas partes”, em seus moldes de interpretação e explicação. Tão mais poderosa é a metodologia científica quanto mais fenômenos estão sob sua alça de compreensão. Assim, as ciências gradativamente encontraram seus objetos de pesquisa e definiram métodos apropriados para a investigação. Nessa história, tanto mais poderoso era seu corpo explicativo quanto mais unido e consistente era seu conjunto objeto-método na capacidade de oferecer compreensões para os fenômenos investigados (cf. BECKER, 1997).

As Ciências Sociais não são diferentes. Todavia, são ciências diversas que tem em comum um objeto partilhado: a sociedade? São uma mesma ciência que usa diferentes abordagens metodológicas para investigar múltiplos objetos definidos como sociais? O desafio deste tema é oferecer pistas acerca do binário objeto-método que une e diversifica as Ciências Sociais, tornando-a ao mesmo tempo diversa, múltipla e também mais consistente e robusta. O argumento de Charles Ragin (1994), em *Constructing Social Research: the unity and diversity of Method*, ainda sem tradução para o português, incita reflexões sobre o tema. A exemplaridade da obra se manifesta, dentre outros aspectos, em aceitar o desafio da complexidade da epistemologia da Pesquisa Social e apontar a unidade dentro de métodos de investigação tão diferentes. Aos

olhos leigos, podem parecer constituir campos científicos totalmente distintos. No entanto, quem a produz sabe que é uma mesma Ciência e pode utilizar de abordagens diferentes, que operam como complementares, para melhor compreender seus fenômenos e oferecer interpretações mais robustas e eficazes para os dilemas sociais contemporâneos.

Ao analisar os métodos com a atenção devida, torna-se possível uma interpretação para o aparente caos. Portanto, ao contrário de uma apologia aos detalhes técnicos ou “metodolatria”, o que se advoga é uma reflexão epistemológica capaz de aprofundar as raízes da reflexão social. Um estudo original do método científico e dos métodos de investigação nas Ciências Sociais revela o poder explicativo e interpretativo que há na pluralidade e na diversidade metodológica, sem perder os laços que constitui essa esfera do saber, capaz de oferecer compreensões para tantos fenômenos (objetos) de tão diversas formas (métodos), recuperando a tradição que instruiu o nascimento das Ciências Sociais (cf. DURKHEIM, 1999).

A primeira questão, no entanto, permanece a mesma desde o advento da modernidade: esta reflexão social é científica. A ênfase no rigor, que permita a clareza e a consistência da Unidade, não pode, no entanto, macular a flexibilidade e a criatividade, que produzem a Diversidade, sendo o oposto também verdadeiro. Compreender a Unidade nas Ciências Sociais, sem perder de vista a Diversidade atual de métodos e seu potencial desenvolvimento, traz consigo um dilema dialético entre a identidade específica de cada ferramenta de pesquisa dentro da pluralidade de Métodos de Investigação e um arcabouço fixo que concentre sua Unidade, que mantenha a integridade da definição de objeto e método e sua relação, que marque enfim o campo de atuação e o “modo de produção” do trabalho dos Cientistas Sociais. Ao mesmo tempo, dado o volume de produções sobre a sociedade (oriundas de muitas formas, fontes e produtores), é preciso depurar, neste conjunto aparentemente caótico, aquelas representações que podem ser definidas como científicas. Ragin propõe três eixos de partida: o contexto de atuação do Cientista Social, o

modo como se estrutura seu trabalho e a forma de sua apresentação. Iniciamos, portanto, com a questão básica: “o que é pesquisa social?” e como ela se distingue de outros “modos de construir representações da vida social”, sendo a pesquisa social apenas um deles.

Define-se então, ainda que de modo preliminar, o objeto e objetivo que une os métodos de investigação: construir representações (objeto) sobre a vida social (objeto), ou seja, “descrições que incorporam ideias relevantes e evidências sobre o fenômeno social” (Ragin, 1994, p.6). Para distinguir as produções das Ciências Sociais de outras produções sobre a sociedade, pode-se partir de argumentos diversos das respostas convencionais, por serem essas muito restritivas, o que excluiria muitas expressões de pesquisa e da produção científica. Respostas convencionais como as que dizem respeito à definição de objeto (“o que é sociedade” e “cientistas sociais têm um modo especial de definir sociedade”) excluiriam a possibilidade de definições diversas e aceitaria produções de outras áreas que utilizam as definições hegemônicas nas teorias sociais. As que dizem respeito às categorias de análise (“pesquisadores sociais usam uma linguagem especial”) pecam no mesmo ponto: excluem trabalhos científicos e incluem trabalhos não científicos apenas pelo critério da linguagem, muitas vezes usada inadequadamente. Aquelas que se apoiam no método (“o método científico distingue a pesquisa social”) favorecem um estreitamento da definição de método científico, o que reduz o espectro das pesquisas e exclui outros métodos, por exemplo comparativos ou qualitativos. Correr-se-ia o risco de perder exatamente a riqueza do desenvolvimento das Ciências Sociais no século XX, expressa na proposição de várias formas de investigação que proporcionaram produções rigorosas de representações sobre a sociedade e ainda de forma mais adequada aos fenômenos. Neste ponto, outro avanço é possível: mais do que uma receita, os métodos são formas de relacionar ideias e evidências, não necessariamente da mesma forma como as Ciências Naturais e mesmo muito diferente de técnicas tradicionais (como experimentos e laboratórios).

De outra forma, a pesquisa social distinguir-se-ia por apresentar ao mesmo tempo quatro características. Primeiramente, ela está voltada para fenômenos que são socialmente significativos. São assim definidos como significativos por: afetarem toda uma população, ou seja, serem comuns; ou por serem raros, definindo, por exemplo, uma exceção à regra, e que merecem ser investigados exatamente por isso; ou ainda serem historicamente importantes, ligados a fenômenos típicos de um contexto que marcou o presente e nos auxilia na tomada de decisões para construção do futuro (como conflitos étnicos). Importa também observar que são fenômenos públicos, passivos de observação por diferentes cientistas.

Outra característica é a relevância da Pesquisa para a Teoria Social, inscrevendo-se sempre em um debate histórico. Uma pesquisa sempre terá uma teoria para guiá-la e ao mesmo tempo a pesquisa contribui para o desenvolvimento teórico ao auxiliar no refinamento de ideias que aprimoram a teoria no decorrer da pesquisa. A terceira característica é a incorporação de um significativo volume de evidências apropriadas e metodicamente observadas, nas quais a pesquisa social está baseada. Por fim, a produção de uma pesquisa social é resultado de análise sistemática das evidências e de sua relação com ideias criativas do investigador e com a teoria social a qual se vincula. Essa produção, portanto, faz parte de um corpo teórico e é passível de análise por profissionais que detêm um determinado conjunto de conhecimentos e qualificações, ou seja, o crivo de juízes e especialistas legitimados socialmente, dentre aqueles reconhecidos como cientistas sociais.

Embora possa parecer uma mudança simples, a maneira como o Ragin articula os argumentos definidores do campo em torno da produção das pesquisas, e o mesmo tempo os distingue de outras produções racionais, tornou-se uma forma nova de definir as Ciências Sociais no mundo contemporâneo. Definem-se novos critérios de validação, diversos do estrito método científico herdado das ciências naturais como a física. Afirmam-se formas de relacionar produções baseadas em métodos diferentes, por

algumas tidas como incompatíveis. Estabelece-se o critério último da mútua avaliação como crivo de qualidade e validade do trabalho científico. Enfim, Ragin propõe uma configuração simples e própria para a relação objeto, método, teoria e pesquisa.

Ao definir a relação entre Teoria, Evidência e Pesquisa, Ragin prepara a formulação do trecho mais original de sua obra, a definição de elementos gerais da Pesquisa em Ciências Sociais e sua articulação similar entre todos os tipos de métodos. Mas antes, oferece um panorama geral (diversidade) das principais metas e objetivos das Ciências Sociais e dos principais grupos de Métodos de Investigação. São apontados sete objetivos principais e a cada um se pode relacionar um tipo de pesquisa mais apropriado:

Identificar padrões gerais e de relações (quantitativa);

Testar e refinar teorias (quantitativa);

Fazer previsões em contextos cíclicos ou similares (quantitativa);

Interpretar fenômenos significativos cultural ou historicamente (qualitativa);

Explorar a diversidade social (comparativa);

Dar voz a grupos sociais, sujeitos e minorias (qualitativa);

Avançar em novas teorias (comparativa).

Logicamente é uma lista não exaustiva. Para cada item segue-se uma definição que torna mais claros seus conteúdos, limites e fronteiras. Relevante é a maneira como se mostra o panorama da diversidade nas Ciências Sociais, tanto no que diz respeito aos objetivos quanto ao que diretamente afeta seus objetos específicos e aos métodos mais apropriados para tratá-los cientificamente. Importa sempre lembrar que as Ciências Sociais apresentam uma ampla gama de métodos e técnicas, que se adéquam melhor a cada tipo de fenômeno, objeto, objetivo de pesquisa, contexto e ferramenta analítica.

Outra forma de desenvolver uma adequada seleção do método é através da relação com a ferramenta analítica que se pretende utilizar. Neste caso, o que se chama de ferramenta refere-se propriamente ao instrumento de trabalho, à operação de análise e os principais meios que se

pretende utilizar na associação entre a empiria e a teoria, entre evidências, categorias de análise e conceitos. Deve-se sempre ter em mente, em primeiro lugar, que a pesquisa social trabalha para oferecer uma “interpretação da vida social”. É este seu fim. Logo, a escolha do método deve estar subordinada ao objetivo primeiro, interpretar a vida social, e não o contrário.

Em geral, a pesquisa elabora uma “narrativa” que incorpora as evidências derivadas da observação do cotidiano, da vida coletiva, da dinâmica social, e sua relação com as teorias, conceitos e argumentos que instruem a análise da sociedade. Narrativa aqui diz respeito à apresentação de um modelo que racionaliza e permite a compreensão dos fatos sociais. Assim, tal modelo explica / interpreta / compara / avalia os fenômenos sociais e permite à razão tanto entendê-los em profundidade quanto instruir ações para intervir sobre eles. A partir da definição do objeto, recortado em torno de um aspecto da realidade, há ferramentas que viabilizam a construção dessa narrativa. A cada uma dessas ferramentas, se relaciona uma forma do fazer científico em Ciências Humanas e Sociais. Isso permite, didaticamente, a organização da Metodologia em uma tipologia sintética em torno de seis (6) ferramentas:

A primeira delas é a Argumentação. Se o cientista social pretende relacionar principalmente argumentos para interpretar determinado fenômeno, ele acaba por produzir uma reflexão teórica, através da análise do discurso conceitual, das metanarrativas, com recursos de retórica e hermenêutica. Não se deve confundir a retórica enquanto recurso de linguagem e seu uso como fundamento racional. O discurso, por si só, não é uma produção propriamente científica. Ao mobilizar e articular evidências (empiria) e conceitos (teoria) para subsidiar sua elaboração de maneira racional, metódica, radical e rigorosa, a retórica torna-se um instrumento adequado para produzir um bom texto.

Neste caso, as evidências muitas vezes são as próprias produções anteriores sobre o fenômeno em estudo, sobre o objeto de pesquisa.

Como exemplo, são livros, artigos, relatórios, apresentações orais e debates, enfim, fontes secundárias de interpretação do fenômeno. O cientista não pretende ter contato imediato com o objeto, mas pretende sintetizar uma compreensão acerca dele através da ampla produção anterior de outros que se dedicaram ao mesmo campo. Como citou Isaac Newton, em sua carta a Robert Hooke, “se vi mais longe, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes”. O desenvolvimento científico sempre deve se apoiar nas produções anteriores do campo. A Pesquisa Teórica é um ótimo exemplo deste desenvolvimento. Toda pesquisa, aliás, sempre deve ser precedida pela revisão da literatura e preferencialmente por uma resenha das principais produções acerca do objeto em questão. A Pesquisa Teórica dedica-se assim a reflexões sobre lógicas discursivas, linguagens e metarreflexões imersas na Teoria Social.

Um segundo tipo pode ser relacionado à Pesquisa histórica ou documental e utiliza a documentação como principal ferramenta analítica. Tal como no primeiro caso, o pesquisador não necessariamente tem contato imediato com o objeto empírico. Muitas vezes, isso é impossível. Exemplos são estudos sobre eventos passados, ou sociedades extintas, ou ainda sobre circunstâncias antes restritas, sigilosas ou secretas. Acontece também nas situações em que a distância geográfica ou histórica limita, dificulta ou impossibilita o acesso direto à observação do fenômeno. Por fim, há contextos em que o registro (textos, fotos, objetos, et all) é tão importante ou mais elucidativo do fenômeno do que a observação direta. Estudos legislativos são exemplos, tal como estudos sobre costumes, vestuário e sobre a arte e suas produções. Esses estudos analisam a realidade social a partir de registros documentais. A produção de dados é baseada em evidências produzidas por outros atores e sua forma de ver o mundo, logo, em perspectiva secundária.

O próximo é mais conhecido. Refere-se ao esforço de diagnóstico e mensuração dos fenômenos sociais. Portanto, ao utilizar da mensuração como ferramenta analítica, as Pesquisas Quantitativas observam a realidade e

investigam dimensões latentes através de suas manifestações para mensurar sua expressão e poder de realização social dos fatores a elas relacionadas. Permite assim a análise de diversos fenômenos sociais em seu conjunto / totalidade, aferindo também correlações com múltiplos fatores (causais e relacionados) bem como seus efeitos. Viabiliza amplas inferências, aponta tendências, com possibilidades de previsão em fenômenos cíclicos e similares, produz diagnósticos e panoramas sociais, identifica padrões gerais e relações, permite a testagem e o refinamento de teorias.

Importa perceber que há objetivos e resultados só alcançáveis através deste tipo de pesquisa. Quando se quer conhecer a expressão de determinado fenômeno, seja para diagnóstico, investigação de causalidades ou associações, somente a pesquisa quantitativa pode oferecer tal panorama. Só ela é capaz de observar contextos largos e produzir um retrato da realidade, essencial para instruir a tomada de decisões. Também só ela consegue oferecer parâmetros para distinguir exceção e regra, bem como a proporção de cada manifestação ou grupo. Ela também é capaz de aferir correlações e produzir indicadores para inferir causalidades, proporções, enfim compreender o funcionamento dos fenômenos e o peso de cada fator em sua produção. Com isso, consegue analisar o modo de produção social do objeto, com grande amplitude e riqueza de detalhes. Por fim, mas não menos importante, são as pesquisas quantitativas que oferecem melhores possibilidades de proposição e testagem de modelos teóricos e empíricos, contribuindo decisivamente para o avanço da Teoria Social.

Complementar à pesquisa quantitativa, os métodos em geral chamados de qualitativos usam predominantemente a descrição densa e a interpretação como ferramentas analíticas. Com isso, são capazes de oferecer narrativas que analisam o sentido e o significado do fazer social. São pesquisas que também conseguem dar voz a grupos sociais não hegemônicos, minoritários ou excluídos. Interpreta fenômenos significativos cultural ou historicamente. Permite aprofundar a compreensão de processos sociais. Interpreta a produção de signos, tanto

materiais quanto imateriais, e seu papel social. Analisa a(s) cultura(s) em toda a sua pluralidade, historicidade e múltiplas manifestações.

São métodos também muito adequados à investigação de processos. Enquanto a pesquisa quantitativa consegue relacionar fatores e aferir a relação entre eles, ou seja, responder o que “causa” tal fato, qual sua relevância e o quanto interfere, as pesquisas qualitativas conseguem melhor investigar como isso acontece. São apropriadas também para desvendar valores, motivações para a ação social e o significado delas. São métodos muito úteis e amplamente disseminados. Sua aplicação concomitante a outras metodologias apresentadas tende a produzir efeitos muito positivos à elaboração da “representação da vida social”

Nem tão conhecida quanto as anteriores, mas também robusta e útil para variados contextos é optar pela comparação como ferramenta analítica. Toda pesquisa social deve comparar. O contraste é um poderoso instrumento analítico e permite identificar os elementos que distinguem grupos, resultados, processos e com isso consegue-se apontar quais fatores podem estar mais relacionados a efeitos diferentes. A Pesquisa Comparada contrasta diferentes matizes da produção humana e permite análises em contraste da diversidade social. Enfatiza a pluralidade e a multiplicidade das muitas formas que os processos e as relações sociais tomam forma. Explora a diversidade social e mostra-se muito promissora para avançar novas teorias e interpretações. É amplamente utilizada na Ciência Política e em estudos internacionais. Como tem características intermediárias em relação às abordagens quantitativa e qualitativa, é eficaz quando se pretende algo que mescle as propriedades de ambas. Também é sempre uma opção adequada como estratégia complementar às técnicas tradicionais e revela-se poderoso instrumento de investigação preliminar, antecedente às fases mais amplas e profundas da pesquisa, sendo recomendada, sempre que possível, de utilização nas fases iniciais da investigação.

Por fim, a última ferramenta analítica

selecionada para apresentação nesta síntese didática é a avaliação. É uma abordagem que se utiliza de diferentes técnicas, de forma complementar e articulada, para produzir uma interpretação teórica (pesquisa básica) e também profundamente aplicada do fenômeno em estudo e de determinada intervenção, fator ou elemento social. A Pesquisa de Avaliação analisa processos, políticas, intervenções e outras produções sociais em função de seus resultados, *modus operandi* e funções na sociedade. Permite investigar dimensões como eficiência, eficácia, sustentabilidade, pertinência e outras facetas relacionadas ao modo como as sociedades produzem sua existência e realizam seus objetivos. Reflete sobre as teorias que instruem a ação coletiva, incluindo políticas públicas, as redes de nexos causais. Instrui análises sobre instituições, agenda social e pública, transformações sociais e questões pertinentes. É um tipo de pesquisa mais completo, com desenhos elaborados, e profundo compromisso tanto teórico quanto prático, sendo um exemplo muito citado em pesquisas aplicadas. Ainda não é muito difundida no Brasil, mas internacionalmente se constitui um mercado privilegiado de atuação de cientistas sociais, por vezes formados desde a base enquanto avaliadores.

#### UNIDADE: CARACTERÍSTICAS E FUNDAMENTOS

Depois de tratar da diversidade, deve-se avançar uma síntese na direção da Unidade das Ciências Sociais. O que faz de temas, fenômenos, métodos, teorias, constructos serem tão distintos e fazerem parte de um mesmo corpo científico, uma mesma Ciência, e por isso guardarem tanta similaridade em sua produção? Para responder a isso, primeiramente são estabelecidas as ligações entre as metas e as estratégias apropriadas para seu tratamento, como foi feito nos parágrafos anteriores. Um grande passo é colocar todas as estratégias em grupos e esses grupos em análise comparativa de fatores similares. Ragin compara basicamente usando as seguintes categorias: número de casos investigados, número de categorias investigadas, profundidade de análise,

capacidade de generalização e ênfase temática. O Método Comparativo, especialidade do autor, é sempre colocado na posição intermediária, entre os pólos quantitativo e qualitativo, metáfora que alude a virtude como produto do equilíbrio.

O grupo quantitativo apresenta elevado número de casos e elevada capacidade de generalização. Sua ênfase recai sobre estudos de padrões de relações entre variáveis. Em oposto, o qualitativo apresenta elevado número de categorias e profundidade de análise. Seu tema mais afeito são estudos de “fenômenos cotidianos”, tipos ideais, culturas e grupos. Já o grupo comparativo tem ênfase no estudo da diversidade, ou a comparação entre fenômenos sociais diferentes, mas que guardam traços de similaridade. Dessa forma, é exposta a tese que “permite” que as oposições entre as diversas

abordagens metodológicas das Ciências Sociais não sejam entendidas como antagônicas, mas como plurais e complementares. Cada metodologia de pesquisa preserva sua identidade sem deixar de pertencer a uma “trindade una”, que preserva sua unidade no objeto, nos objetivos (metas), de origem e inserção teórica, dentro do corpo histórico da produção científica do campo, de rigor na coleta e análise de dados (evidências), seja qual for a opção metodológica.

A compreensão da relação entre diversidade e unidade pode ser compreendida também em duas ilustrações propostas pelo próprio autor. A primeira (Quadro 1) ilustra a diversidade de fenômenos e objetivos em contraposição à maior adequação de um tipo de pesquisa para investigação daqueles tipos de contextos.

Quadro 1 - Os Objetivos e Estratégias da Pesquisa Social

Objetivos	Qualitativa	Comparativa	Quantitativa
Identificar padrões disseminados	-	Secundária	Primária
Testar/refinar teorias	Secundária	Secundária	Primária
Realizar previsões	-	Secundária	Primária
Interpretar sentidos / significados	Primária	Secundária	-
Explorar a diversidade social	Secundária	Primária	Secundária
Dar voz a grupos / minorias	Primária	-	-
Avançar novas teorias	Primária	Primária	Secundária

Fonte: tradução livre a partir do original (RAGIN, 1994, p.51).

A Figura 1 ilustra a unidade epistemológica que abarca todos os tipos de metodologia de pesquisa nas Ciências Sociais. Este é o cerne da tese da Unidade: um conjunto articulado de processos racionais de investigação que fazem parte de todas as metodologias de pesquisa. Esse

conjunto é composto basicamente por cinco categorias: Ideias ou Teoria Social, Quadros Analíticos, Imagens, Evidências ou Dados e finalmente Representações da Vida Social, produto final da Pesquisa Social.

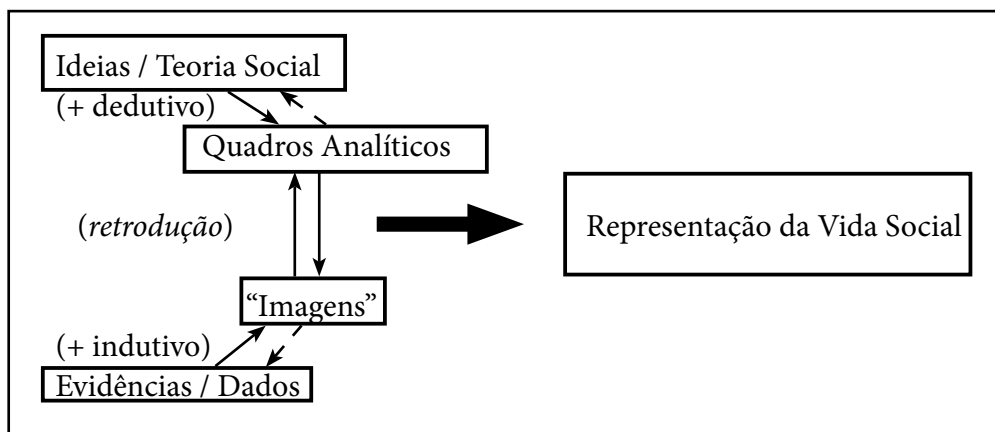


Figura 1 - Esquema simples de Pesquisa Social

Fonte: tradução livre a partir do original (RAGIN, 1994, p.57).

Teoria Social é apresentada como a base abstrata e a origem acadêmica do processo de investigação. É o berço e o guia da pesquisa. É um dos critérios para um trabalho sobre a sociedade ser definido como científico: estar ligado a uma tradição teórica e se inscrever num debate histórico com seus pares. Da Teoria, através de processos eminentemente dedutivos, é formado o Quadro Analítico da pesquisa, não mais constituído por abstrações gerais ou conceitos, mas por um conjunto selecionado e articulado de categorias analíticas que irão instrumentalizar o pesquisador em seu trabalho de análise dos dados. Lá também estão as hipóteses e o diálogo para refinamento da Teoria.

De outro lado, com a face adjacente à realidade material, estão os Dados ou Evidências de pesquisa. O autor não utiliza a categoria “informação”. Embora não a critique diretamente, acaba por derivar uma categoria muito ampla e genérica, em que se insere todo tipo de dado e evidência, mas também informações que não são úteis para o processo de investigação. Dados e Evidências são informações produzidas / coletadas rigorosamente, que apresentam elevada relevância para a análise do fenômeno e sua estratégia de produção é sistemática e radical, pois se dirige às raízes do fenômeno. Portanto, não é qualquer informação que se presta à pesquisa científica. Outra questão importante é que não se define como Evidência a informação descolada da realidade, ou baseada puramente em abstrações, como em debates teóricos, impressões ou opiniões.

Esse crivo é importante porque o argumento da Unidade se sustenta sob o alicerce de que todo método de pesquisa deve estar baseado em dados e evidências extraídas da realidade, e que sejam produzidas de forma criteriosa: com rigor, relevância, pertinência, fidedignidade, validade e confiabilidade. Esse é um dos poucos critérios universais de avaliação e validação da produção científica que não tange o subjetivismo do julgamento entre pares. Focando na Unidade, uma vez citadas as três primeiras categorias – Teoria Social, Quadro Analítico e Evidências – e sabendo-se da definição do produto final, avança-se para a análise da quarta categoria: Imagens. Esta seja talvez uma das mais interessantes elaborações de Ragin. Ao estabelecer um campo de intermediação entre o plano teórico e as evidências, ele estabelece também um recurso indutivo de análise e sinaliza para a criatividade e racionalidade do pesquisador como ferramenta de criação epistemológica. As imagens são produto do esforço do cientista para trazer coerência aos dados, ligando lotes de evidências a articulações abstratas que extrapolam as hipóteses de pesquisa anteriormente traçadas. São derivadas de trabalho, dos insights do investigador e de sua equipe de pesquisa, são produtos de transpiração e inspiração, são inovadoras e criativas.

São então duas elaborações hipotéticas – imagens e quadro analítico – que se confrontam dialeticamente para produzir uma síntese que será a representação da vida social a ser oferecida para crivo da comunidade científica. Essa síntese



é produto concomitante de processos dedutivos e indutivos, o que remete à obra de Hanson (1958), como processo de *retroduction*, ou processo em que a indução e dedução trabalham juntas na pesquisa. Pelo conjunto criativo e inovador de ideias, e também dos debates em torno do objeto, esta proposta de Unidade a partir do processo de produção das Ciências Sociais é muito relevante. São elementos afeitos a todos os tipos de pesquisa, que apontam para um conjunto mínimo e básico de conceitos e procedimento em metodologia que devem fazer parte de qualquer iniciativa de investigação social com caráter científico.

### DIFERENTES METODOLOGIAS DE UMA MESMA CIÊNCIA

Após as proposições acerca da Unidade, importa também conhecer melhor cada Metodologia ou cada grupo de estratégias de pesquisa social. Não importa neste caso oferecer informações em profundidade sobre cada método, mas ilustrar suas idiossincrasias e reafirmar os traços que os unem. Vale também ressaltar que cada grupo é composto por uma diversidade de tipos de técnicas, instrumentos e ferramentas de pesquisa, sendo possível apenas a abordagem dos mais usados – e que de resto respondem pela maioria dos trabalhos desenvolvidos.

Na abordagem da Pesquisa Qualitativa, deve-se sempre afirmar o traço de sinergia entre os grupos metodológicos ao assinalar as virtudes qualitativas em complementação lacunas quantitativas, e vice-versa. Embora possa parecer “menos científica” aos olhos leigos, a pesquisa qualitativa oferece interpretações de casos particulares e exceções que métodos quantitativos não conseguem. Assim também acontece com a percepção de processos em curso, ou seja, a forma como os eventos se articulam entre duas manifestações: o que acontece entre duas variáveis para interpretar sua relação?

A observação e a entrevista podem fornecer evidências para a formulação de interpretações de “tipos ideais” de fenômenos sociais ou commonalities e com isso dar resposta a questões que afetam contextos incapazes de serem

tangenciados por pesquisas que se baseiam em coletas amplas de dados e sua organização em variáveis pré-determinadas. Tais variáveis observam resultados, produtos, enquanto métodos qualitativos focam-se em processos. A metodologia qualitativa seria capaz de dar mais luz à “natureza social da pesquisa social” (cf. DENZIN; LINCOLN, 1994).

Métodos qualitativos são descritos como apropriados para desvendar características essenciais de um caso e então “iluminar relações chave entre essas características”, atuando assim de forma complementar às pesquisas quantitativas e comparativas. Por isso é importante estudar casos exemplares, ou “tipos sociais ideais”, de um ou mais processos teóricos e categorias de análise centrais para as Ciências Sociais, clarificando as entrelinhas do fenômeno investigado e os conceitos teóricos referentes a ele. São destacados como “holísticos”, globais ou de conjunto, por compreender aspectos específicos. Vistos no contexto de cada caso particular, os pesquisadores podem (devem) triangular as evidências para aprofundar o sentido singular para “o caso” em estudo. Em função desse processo de produção de representações, esse tipo de pesquisa é propriamente interpretativa, e não explicativa ou de correlações.

Nos métodos comparativos o foco é a diversidade. Ao contrário da ênfase em tipos ideais e casos exemplares para estudo em profundidade, esses métodos buscam a comparação de contextos diversos, mas que estão relacionados a um mesmo tipo de fenômeno (como conflitos étnicos ou ONGs, por exemplo). O número de casos moderado impede o estudo em profundidade e a descrição densa, e também impede análises estatísticas mais sofisticadas. São então selecionados casos que dizem respeito ao mesmo fenômeno em estudo, ou seja, que guardam entre si familiaridade e categorizadas informações que os tornam diversos, fazendo com que a categoria transcenda cada caso específico. A análise de padrões relacionais entre categorias define tipos que serão alvo de explicações causais.

Deve-se sempre aliar o aprendizado

epistemológico com o desenvolvimento de habilidades também técnicas. Em especial, é preciso aprender a organizar e apresentar as evidências. Quadros e tabelas são muito úteis. Ragin propõe a utilização de ferramentas de pesquisa, como a construção da “Tabela Verdadeira”, da “Tabela Simplificada”, do “Processo de Simplificação”, e da “Convergência de Termos Simplificados”. Por se apropriar de ferramentas próximas dos dois outros Grupos, a pesquisa comparativa aparece às vezes como meio termo, construindo representações que conjugam interpretações e covariações simples numa explicação da diversidade sob moldes processuais, causais e genéricos. Entretanto, ela é distinta e única, guardando relações com outros métodos, mas desenvolveu uma lógica própria.

Por fim, Métodos Quantitativos merecem atenção para além de cálculos específicos e estratégias de pesquisa amplamente conhecidas. Métodos quantitativos não podem ser confundidos com Estatística. O que caracteriza o método é sua epistemologia. Estatísticas são ferramentas para instrumentalizar as opções metodológicas (BABBIE, 1990). Desde suas semelhanças herdadas das ciências naturais, tais métodos enfatizam o caráter social da aplicação. Uma parte muito importante é o tratamento da mensuração em Ciências Sociais ou a Fidedignidade das Medidas. Ela é baseada em três pilares: estabilidade, precisão e homogeneidade. Deve-se organizar a produção de evidências sobre uma mesma característica do fenômeno (dimensão) através de várias variáveis, tornando a medida mais fidedigna. Antes da análise, propõe-se:

Transportar teorias sociais (conceitos) para quadros analíticos (categorias e hipótese), que são o guia da pesquisa e moldam o banco de dados (variáveis);

Selecionar casos apropriados, sujeitos ao fenômeno investigado, relevantes, representativos e significativos;

Desenvolver estratégias de amostragem;

Desenvolver metodologias para construir mensurações válidas, confiáveis e fidedignas para todas as variáveis;

Articular a hipótese às medidas;

Armar o banco de dados (arquitetura das bases de informação);

Produzir dados para recheiar o banco de dados com casos bem selecionados e dados satisfatórios, ou seja, completos, bem aferidos, coletados sistematicamente, com rigor, e intencionalidade;

Por outro lado, a simples quantificação não esgota a representação. Como destacado, os outros métodos foram propostos também em complementação da pesquisa quantitativa, em função de seus limites. Dentre esses limites está exatamente a natureza humana do objeto de pesquisa. O ser humano não é estável como um litro de água que sempre entrará em ebulição à mesma temperatura, sob as mesmas condições em qualquer contexto do universo. Há cultura, há vontade, há liberdade. Numa situação “experimental”, grupos podem assumir comportamento muito diverso do cotidiano. Enfim, não há medidas universais e não há constâncias. Há padrões. Daí a maior propriedade desse tipo de pesquisa ao identificar padrões e relações, que permitam também inferir previsões, além de testar teorias e sua aplicabilidade em diferentes contextos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é relevante a interpretação das relações entre os três Métodos, principalmente a delimitação clara de suas fronteiras, o tipo de atividade para o qual cada um é mais afeito e as indicações de como eles podem interagir de forma complementar. Ainda há dois argumentos importantes que tratam de críticas comuns à pesquisa social e contribuições a seu fomento. As críticas se baseiam na concepção de que o fenômeno social é único em cada evento, logo seria inútil pesquisar, pois não haveria ciclos ou repetições, e na concepção de que vida social é múltipla, não havendo similaridade entre fenômenos, logo o estudo de um fenômeno não se aplicaria a outros.

A contribuição é exatamente a resposta que as Ciências Sociais deram a desafios tão complexos. Ao fazer pesquisa e produzir boas e eficazes representações da vida social, as Ciências Sociais

puderam contribuir para o desenvolvimento da Sociedade, seus grupos e direitos, do Estado e da organização política, além de variados outros fenômenos que afetam a vida de todos, como família e parentesco; classes, estratificação e desigualdades; educação, urbanidade e violência, enfim, uma infinidade de objetos que só tende a crescer. A pesquisa contribuiu efetivamente para o desenvolvimento das sociedades e melhoria das condições de vida e relação no mundo moderno.

A riqueza da racionalidade está em procurar desafios complexos e produzir representações que conferem ordem ao caos, daí o progresso metodológico das Ciências Sociais ao longo do século XX. O surgimento de métodos e ferramentas de pesquisa, advindos com novas compreensões epistemológicas do objeto e do trabalho na Pesquisa Social fez com que seu poder explicativo tivesse mais força, ao ser capaz de abarcar mais fenômenos e tratá-los de forma mais flexível sem, contudo, perder sua unidade teórica e sua complementaridade metodológica.

Esta reflexão, a partir de obras como *Constructing Social Research* (1994), ao redefinir o panorama das Ciências Sociais no final do século XX, apresenta uma nova configuração para o corpo teórico e metodológico adequada aos desafios que se apresentam no século XXI. Para tanto, é importante compreender a proposição de uma interpretação original para o Dilema da Trindade nas Ciências Sociais: três grupos metodológicos tão diversos e que fazem parte de uma mesma unidade. Pretende-se com isso apontar uma possível e factível unidade epistemológica para o aparente caos aos olhos leigos, ao mostrar seu progresso no século XX e abrir novos dilemas a serem enfrentados neste século.

## REFERÊNCIAS

BABBIE, Earl. *Survey research methods*. 2ª edição. Belmont: Wadsworth Publishing Company, 1990.

BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em*

*Ciências Sociais*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

DENZIN, K. N.; LINCOLN, Y. S. *Handbook of qualitative research*. London: Sage Publications, 1994.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HANSON, Norwood Russell. *Patterns of Discovery: an inquiry into the conceptual foundations of science*. Cambridge: Cambridge University Press, 1958.

RAGIN, Charles C. *Constructing Social Research: the unity and diversity of method*. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1994.